

A CASA TOMBADA

FACONNECT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

**O LIVRO PARA INFÂNCIA: PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE
CRIAÇÃO, MEDIAÇÃO E CIRCULAÇÃO**

**ENTRE FESTAS E BIBLIOTECAS: RITUAIS DE LEITURA NAS PRÁTICAS
DE MEDIAÇÃO**

BRUNNA TALITA RODRIGUES

SÃO PAULO

2024

BRUNNA TALITA RODRIGUES

**ENTRE FESTAS E BIBLIOTECAS: RITUAIS DE LEITURA NAS PRÁTICAS
DE MEDIAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de título de especialização na pós-graduação O Livro para a Infância: Processos Contemporâneos de Criação, Mediação e Circulação pela Casa Tombada - Faconnect.

Orientador: Ananda Luz

São Paulo

2024

Dedico este trabalho para vó Alaide e vô Genô, pelos rituais de
domingo. (na memória)

Entre festas e bibliotecas: rituais de leitura nas práticas de mediação

Resumo (ritual de chegada)

O presente trabalho de conclusão de curso foi concebido como um ritual, que pede começo, meio e fim; se repete e revive, pois se reconhece enquanto o faz. Assim, esse documento será uma conversa com vozes, linguagens e pensamentos que vieram antes e aguçam minha curiosidade: como uma festa se abriga no livro para a infância? O que o tempo do ritual remete no tempo da leitura, da mediação, do encontro entre leitor, livro e mediador? Por que pensar no tempo dos rituais e livros para a infância?

Palavras-chave: Rituais - livro ilustrado - mediação de leitura- infâncias

Umbigada - O nascimento deste encontro

Durante esta pós-graduação em uma aula sobre a escrita de si e o texto acadêmico, com a pesquisadora Luiza Christov,¹ conversamos sobre o cuidado de não fazer da escrita de si um processo de supervalorização do eu, mas uma escrita umbigada. Ao ouvir essa fala, só consegui pensar no batuque de umbigada.

O batuque de umbigada é uma manifestação afro-brasileira de origem Bantu. Ao toque do tambor, os umbigos se encontram, celebrando a vida, afinal “o umbigo é nossa primeira boca. É por meio do cordão umbilical que se mantém a vida do feto no ventre da mãe”, explica Lorena Faria, pesquisadora e membro do grupo Batuque de Umbigada Guaiá².

Assim, escolho apresentar um pouquinho da minha trajetória para começar este encontro como uma umbigada, no sentido de encontro de umbigos, de pessoas e histórias. Também trago o desejo que essa escrita e sua leitura seja festa, como nos lembra Christov sobre a

“necessidade de transfigurar a escrita acadêmica em escritura, em festa, na qual o leitor queira permanecer em tempo de deleite e encontro. Palavra de saber que explode como fogos e como capacidade de emocionar.” (CRISTHOV apud BARTHES, 2013, pg 14).

Sou filha da Neide e do Silvio, neta de Alaíde e Agenor, Abigail e José. Irmã do Diego, meu Tato, e tia do Vitor e da Maria Eduarda. Paro por aqui, pois pertenço a uma família enorme. Nasci em Americana, interior de São Paulo e costumo contar que cresci em cima de um pé de goiaba vermelha, que além de

¹ Luiza Christov é Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov é doutora em Educação (PUC/SP2001); possui mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Professora n' A casa tombada. Aula citada foi realizada no dia 14-09-2023.

² Mais informações sobre o batuque de umbigada:
https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/12947_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROP+AULISTA

me alimentar e ter galhos feitos para ficar de ponta-cabeça, era lugar de grandes brincadeiras simbólicas, um portal para o faz-de-conta. A rua e o quintal da minha infância eram de terra, o que dava uma produção deliciosa de bolo de chocolate feito de barro, especialmente depois de tomar banho de chuva. O asfalto mais perto era no cemitério do bairro e foi lá que aprendi a andar de patins. Todo domingo, íamos almoçar na casa da minha vó Alaíde e a família toda estava lá. Depois de pedir a benção, vovó dava um “xêro” e uma bala para cada neto.

Vô Genor sonhava que minha mãe fosse professora e eu sem saber dessa história me fiz professora. Durante o segundo ano de Pedagogia, no estágio, em uma brinquedoteca, minha trajetória com os livros começou: vi - e ouvi - pela primeira vez uma contadora de histórias. Me apaixonei! E como o destino faz as coisas acontecerem, neste mesmo dia a Magali, fundadora da Editora Adonis, estava na brinquedoteca e me convidou para participar de uma formação de narradores de histórias, oferecida pela sua editora, pois havia uma vaga sobrando. Na primeira aula, minha mestra, Carmelina de Toledo Piza³, disse uma frase que levo para a vida: “as histórias curam”. Isso foi há 18 anos e desde então, trilho este caminho.

Minha primeira experiência foi no projeto “Tenda das histórias”. -desenvolvido por mim e outras professoras da escola pública onde estagiei. A escola era de período integral, e o projeto acontecia na biblioteca e numa tenda-quiosque durante o intervalo. Quando terminei a faculdade, comecei a trabalhar na editora e gráfica Adonis, como contadora de histórias, no projeto *Como nasce um livro?* Recebíamos crianças da rede pública e particular de diferentes cidades. Elas visitavam toda a linha de produção do livro, viam as máquinas de corte e grampo, a máquina de impressão, conheciam os profissionais envolvidos no processo, conversavam com um escritor, ilustrador e participavam de uma narração de histórias, inspirada em um dos livros da editora. No final, as crianças podiam escolher três títulos para ‘morarem’ com elas. Foi uma experiência incrível, com muitos livros-presente, que me impulsionou para as próximas páginas do meu livro da vida... sou muito grata.

Atualmente, trabalho como contadora de histórias e mediadora de leitura em dois coletivos que ajudei a parir e nos quais sigo criando: *O casulo viajante*

³ Expressão verbal concedida em aula presencial no ano de 2006.

– kombi literária, livros e histórias para a infância (desde 2017) e *Grupo éba* – pesquisa e difusão da Libras e cultura popular brasileira por meio da narrativa e mediações de leitura (desde 2012). Nas escolas onde trabalhei e nas ações culturais que realizava concomitantemente, o livro para a infância sempre esteve presente. Seja como fonte de pesquisa e repertório para as histórias narradas, seja como protagonista da mediação de leitura. “Livro feito de corpo com outros corpos”, como nos lembra Letícia Liesenfeld⁴.

Foi na vida adulta, depois de algumas vivências e, principalmente, durante a leitura de um livro chamado *Quando me descobri negra* (SANTANA; Bianca, 2015), que meu corpo moreno enegreceu...conscientemente. Essa leitura ressignificou todo meu corpo-memória, e não há como não ressignificar também o olhar para minhas próprias ações e na escrita desta conversa chamada TCC (ser). Afinal, como nos recorda Azoilda Trindade:

Não é apenas motivo de negligência a discriminação, o preconceito, o racismo com relação às crianças negras. É também uma insensibilidade, que está ancorada nos 312 anos oficiais de escravidão neste país e nos 117 anos de promulgação da Lei Áurea. É impressionante que, por muito tempo, ninguém se preocupou com a importância de colocar, no acervo de brinquedos das crianças da Educação Infantil, bonecas e bonecos negros, **livros infantis com imagens e personagens negros em posição de destaque**, não ter mural com personagens negros, não serem trabalhadas as lendas, as histórias e a História africanas, entre outras formas de afirmação de existência e de valorização dos negros em nosso país. É, essa insensibilidade está inscrita na nossa memória coletiva de brasileiros e brasileiras, que vendiam crianças negras, que abusavam das crianças negras, que matavam crianças negras, que impediam que as crianças negras fossem amamentadas por suas mães. A história parece que nos legou uma responsabilidade social especial para com essas crianças. Especial, pois temos que ter responsabilidade social para com todas. (TRINDADE,pg 32 [grifo meu]).

Assim, espero que este texto grafado aqui na palavra escrita, mas que antes é inscrito no meu corpo, possa contribuir para uma sociedade mais

⁴ Informação verbal concedida durante aula do curso de pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, A casa Tombada, dia 22-06-2023.

amorosa, empática e brincante com e para as infâncias. Principalmente com as crianças negras.

Corpo em festa

Ao voltar de São Luís , depois de realizar o sonho de participar das festas de Bumba-meu-boi (no plural porque são diversas em quantidade e na representatividade da tradição), tive a primeira conversa com a orientadora deste trabalho, Ananda Luz. Contando sobre a viagem e tudo que eu havia experienciado, percebemos que há vários livros que narram as manifestações culturais do Bumba-meu-boi para crianças. Saí nasceu a ideia de pesquisar como uma festa se abriga no livro para a infância.

Mas antes de adentrar ao universo dos livros, proponho pensar no antes: como um ritual se mantém vivo, se faz presente na sociedade contemporânea, na qual as coisas tendem a se tornar ‘não coisas’?

O filósofo Byung-chul Han no seu livro *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente* (Editora Vozes, 2021) nos convida a pensar sobre o risco da perda dos rituais na sociedade contemporânea, nos alertando sobre o uso frequente das redes sociais, a rapidez da informação e a ansiedade provocada pelos “likes” e como isso provoca uma supervalorização da imagem e coloca em risco a experiência dos sentidos. Enquanto escrevo este texto há uma lista de outras coisas que preciso fazer. Há uma sensação de que sempre há algo por fazer e não haverá tempo para tanto. Ouvimos frequentemente que tempo é dinheiro, que as pessoas não têm tempo e estão cansadas. Vivemos uma “sociedade do cansaço”, como bem define Han em seu livro homônimo. Isso nos faz pensar em como a cultura e a educação podem instaurar momentos de pausa para que nossos corpos não adoecem? Mais precisamente, como os rituais e o livro para a infância podem contribuir para momentos de pausa e para o exercício da presença?

Para Han, “rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa”. (HAN, 2021, pg 10). Partindo do princípio de que partilhamos nossa primeira casa com

nossa família e os primeiros rituais que experienciamos acontecem neste ambiente, contarei a história de um ritual existente na minha família há mais de quarenta anos: o terço para São Pedro. Seu jeito de fazer não está escrito em nenhum papel, mas está inscrito no corpo e memória da minha família, passando dos mais velhos para os mais novos.

Devoto de São Pedro, meu avô Agenor fez promessa de rezar o terço todo ano para que sua filha Cleusa se curasse de um derrame que havia sofrido. Tia Cleusa se curou, e o mês de junho virou mês de festa no terreno do meu avô. Todos se envolviam e continuam se envolvendo nos preparativos: bandeirinhas coladas com cola de trigo e água, flores de papel crepom, pipoca, bolos e chá de erva-doce; fogueira e rojão por conta do tio Joaquim. Vovó Alaíde puxava as ladainhas e o terço, vovô Agenor levantava o mastro com as figuras de São Pedro, São Paulo e São João, e fincava a primeira vela no chão, em sequência batia com o pau de cabo-de-vassoura ao redor do mastro, para viver muito. Depois, todos repetiam o mesmo movimento. No final, as cantorias, comidas, rojão, bombinhas e o tão esperado bombril para girar na fogueira. Com a passagem dos meus avôs, a festa é guiada pelas minhas tias e minha mãe, e tio Tena é quem levanta o mastro. É bonito ver os mais novos vivendo e aprendendo esta tradição, sei que um dia será minha geração quem manterá o ritual.

Por muito tempo amei esta festa sem questionar. Com o letramento racial que tenho hoje, continuo amando, mas com alguns questionamentos, pois ele vem de uma tradição cristã europeia para uma família negra brasileira. Por ser uma tradição do colonizador, estar neste lugar me fez ter um reconhecimento tardio da minha negritude. Contudo, é revolucionário como a família ressignificou o que foi autoritário para um momento de encontro, afeto e aprendizagem. Pertencimento.

Contar histórias é uma técnica ancestral, que conta e transmite valores de uma comunidade. É preciso comunidade para a continuidade dos rituais. Segundo Han “rituais estabilizam a vida. Os rituais são na vida o que as coisas são no espaço”. E completa:

Para Hannah Arendt, é a conservação das coisas que outorga à elas uma independência da existência dos seres humanos. As coisas “têm

a tarefa de estabilizar a vida humana”. Sua objetividade consiste em que “apresentem uma mesmidade humana [...] à modificação torrencial da vida natural”, ou seja, apresentam uma identidade estabilizante “derivada do fato que são a mesma cadeira e a mesma mesa que aguardam, com familiaridade permanente, os humanos que se modificam a cada dia. Os rituais têm a mesma função. Pela sua mesmidade, sua repetição, estabilizam a vida. (HAN apud ARENDT, 2021, pg 12)

Pensando na citação acima, uma pergunta se faz: o objeto livro pode ter essa função de estabilizar a vida? Por ser o mesmo livro, a mesma história aguardando o ser humano, que já não é o mesmo. Podemos ler o mesmo livro e, depois de um tempo, termos interpretações diferentes, sermos tocados por observações que não nos tocavam. As crianças ainda têm o aditivo da repetição. Ouvir a mesma história muitas vezes até decorá-la, para contá-la. Ler o livro muitas vezes até que algum conflito interno seja resolvido. Na infância, por um bom tempo, o mesmo livro será revisitado, até vir outro livro, que traga outra experiência. Mesmo não sendo o mesmo livro, continua sendo um objeto que ajuda a estabilizar a vida por ser lugar do imaginário. Se com o excesso de informação no qual todos vivemos, inclusive as crianças, “a experiência da duração tem diminuído.”⁵ e “habitar, contudo, requer, duração⁶”, o livro contribui para a existência da experiência, pois ao ouvir uma história, ler um livro a gente demora. Habitamos a história.

Festa na biblioteca! - Como as festas populares e rituais ganham morada nos livros para a infância?

Quando pensamos em livros para a infância, para além das possibilidades de formatos, materialidade e texturas do livro, pensamos em conteúdo feito de texto e ilustrações. Porém, é importante ressaltar as diferenças existentes entre um livro com ilustrações e um livro ilustrado. No livro com ilustrações, o desenho acompanha a narrativa e não é essencial para a compreensão do texto. Já no livro ilustrado, texto e desenho se

⁵ (Han, Buyng-Chul, 2021, pg 10)

⁶ (Han, Buyng-Chul, 2021, pg 19)

complementam e têm igual importância, ampliando a compreensão da história. Como diz Odilon Moraes, grande referência em livro ilustrado no Brasil, em uma entrevista para o site Lugar de ler :

“Fazemos livros ilustrados quando, sem perceber, damos à imagem um papel diferente dentro da narrativa. Fazemos livros ilustrados quando queremos usar as imagens para testar os limites das palavras. Quando, ao invés de respeitar um texto, elas passam a desafiá-lo. Fazemos livros ilustrados, sem saber, quando somos convidados a propor uma sequência de imagens ao longo das páginas e elas, casualmente, começam a querer se interligar e criar, com ou sem palavras, uma história”.

Entre os livros que convidei para a festa deste capítulo, temos as categorias de livro ilustrado, livro imagem e livro com ilustração.

Sabendo que no mundo existem inúmeras manifestações ritualísticas, é importante localizar que partimos da experiência de festas afro-brasileiras, ressignificadas e recriadas no Brasil a partir dos povos negros da Diáspora Negra (séculos 16 e 19).

(...) em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, tanga, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda, o substantivo ntangu, uma das designações do tempo, uma correlação plurissignificativa, insinuando que a memória dos saberes inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance. Nessa perspectiva podemos pensar, afinal, que não existem culturas ágrafas, pois nem todas as sociedades confinam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas, mas resguardam, nutrem e veiculam seus repertórios em outros ambientes de memória, suas práticas performáticas"

(MARTINS, 2023, pg 81).

Quando pensamos no livro para as infâncias, há o encontro do texto escrito com as ilustrações. Por muito tempo - ainda hoje- pessoas negras foram retratadas por pessoas brancas e, muitas vezes, com traços estereotipados e

negativos. Porém, o cenário do livro com autoria negra vem crescendo, como nos lembra Ananda Luz na revista da exposição Karingana⁷

A chegada de artistas negros e negras na ilustração é perceptível. São pessoas que amam seus corpos e se conectam com suas histórias, por isso retratam seus personagens com tanta beleza. A cada livro eles e elas têm a certeza de que uma criança negra terá a oportunidade de encontrar a beleza que carrega consigo". (LUZ, 2023, pg 7).

Em outubro de 2023, tive a honra de participar da exposição *Karingana - presenças negras no livro para as infâncias*, com curadoria de Ananda Luz. A mostra nos apresentou diversos autores negros e negras do Brasil. Assim, conheci muitos livros de autoria negra e, em especial, dois autores que farão parte da nossa conversa, Carol Fernandes e Josias Marinho. Os livros deles são a casa da palavra de festas populares.

Nas próximas linhas, proponho um diálogo com quatro livros que apresentam manifestações culturais afro-brasileiras para as infâncias. Escolhi trazer outras manifestações culturais, além do bumba meu boi, como foi pensado inicialmente, para ampliar o repertório de brincadeiras, já que cada festa traz seus gestos, ritmos, cores, belezas, histórias e enredos. Para tanto, faremos um ritual para “despertar” a folha, afinal o livro é feito de folhas. Como nos recorda a artista Edith Derdyk:

a etimologia da palavra livro vem do Latim *liber*, que designava a camada de tecido logo abaixo da casca das árvores, por onde corre a seiva. Era nesse material que se escrevia antes da descoberta de um outro, feito com o caule do papiro, uma planta aquática. Já a palavra folha, vem do latim *folium*, tem como referência a folha da árvore porque a Sibila, mulher a quem se atribuíam o dom da profecia e o conhecimento do futuro, escrevia suas predições em folhas de palmeira.⁸

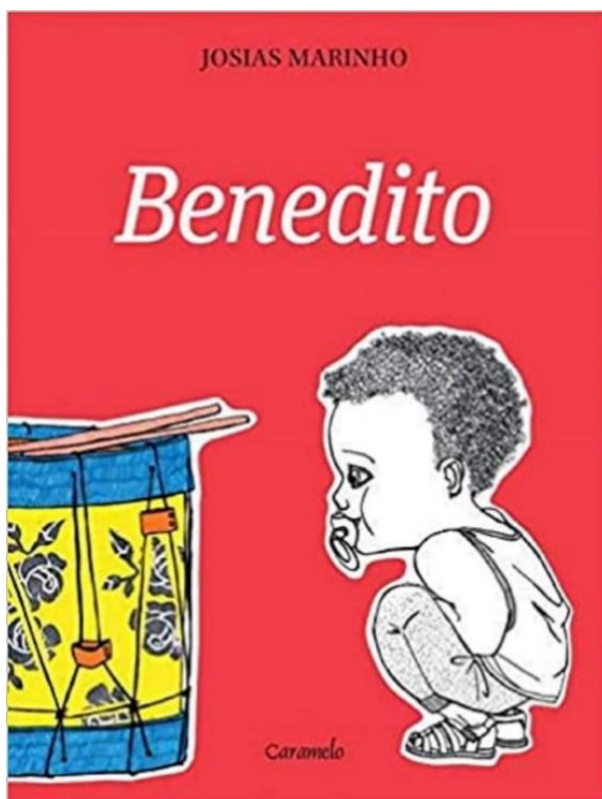
⁷ Exposição Karingana – presenças negras no livro para as infâncias, Sesc Bom Retiro, de outubro de 2023 a março de 2024, com curadoria de Ananda Luz.

⁸ Material disponibilizado em pdf durante aula do curso de pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, A casa Tombada, dia 17-07-2023)

Diante deste encantamento, Luiz Rufino diz que “as folhas comportam o remédio e o veneno, portanto é dotada de espiritualidade. Para cantar a folha é preciso a rítmica encarnada da saliva apalavrada”.⁹

Despertamos a folha com nossa saliva, ao ler uma história. Convido, assim, para a leitura em voz alta a fim de despertar as folhas e dançar as palavras:

Livro ritual: **Benedito**



*Grande Aganga Muquixe,
sua gunga não bambeia
Ungandaa berê, bebê
ah, vai te guardar vai te proteger
na sombra de um jatobá
(Congada - Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis - MG)*

Josias Marinho é negro como a noite, e gosta muito deste adjetivo. Artista, professor e pesquisador, nasceu em Real Forte Príncipe da Beira - Rondônia, e hoje vive em Minas Gerais. Suas produções ilustram a cultura

⁹ Expressão verbal concedida durante aula online do Ciclo de estudos O desaparecimento dos rituais na arte, na educação e na cultura, dia 23-01-2024.

negra e a arte decolonial, o recorte étnico é uma escolha consciente em sua trajetória.

O presente livro foi publicado em 2014 pela editora Caramelo. *Benedito* quer dizer abençoado, é nome do avô de Josias e nome de Santo - São Benedito, filho de escravizados vindos da Etiópia para Itália, que se tornou um eremita franciscano e inspirador de muitas irmandades religiosas, presentes inclusive no Brasil. O livro narra, somente com ilustrações, a história de uma criança que se encanta com a batida do tambor do Congado. Ao observar, se aproximar e experimentar o tambor, Benedito também brinca de se aproximar desta manifestação e de sua identidade, afinal, o tambor guarda a memória ancestral de seu povo. Nesta experiência, o corpo do menino se enegrece até ficar da cor da noite e receber dos mais velhos a benção, a gunga (chocalhos que se amarram nos tornozelos) e as indumentárias de cor azul e rosa para dançar neste reinado.

Segundo Leda Maria Martins:

“Se considerarmos que os africanos em sua maioria, vinham de sociedades que não tinham a letra manuscrita ou impressa como meio primordial de inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes, podemos afirmar que toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por muitas vias que não as figuradas pela escritura dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme.

(MARTINS, 2021, pg 23)

Nas palavras de Glauciane Santos,

“Benedito aparece como uma esperança de que a identidade brasileira, ainda em processo de construção e afirmação, possa realmente valorizar o segmento afrodescendente e seu imenso repertório. E o próprio personagem representa a trajetória vivenciada pelas crianças que cresceram inseridas na tradição do Congado”. (SANTOS, 2021)

Livro ritual: Fevereiro (Carol Fernandes)



*Água de cheiro misturada com canção
Seu canto lindo soa mesmo que oração
Não é miragem venha ver como é que é
Um povo livre cultuando sua fé
(Água de cheiro - Filhos de Gandhi)*

Fevereiro anuncia, pelos olhos de uma criança, os preparativos de um dos blocos de afoxé mais importantes da Bahia, o Filhos de Gandhi. Nas páginas, podemos perceber o encontro da palavra com a ilustração e o quanto a segunda intensifica a primeira. Dá vontade de dançar, parece que fazemos parte da festa. Escolho duas imagens que retratam este ritual no livro:

- Não compreendo todas as palavras, mas meus olhos se enchem de infinito.
- Mamãe diz com voz de sereia: - É tradição, querido. Tradição!

MAMÃE DIZ COM VOZ DE SEREIA:
- É TRADIÇÃO, QUERIDO.

TRADIÇÃO!



16

17

NÃO COMPREENDO TODAS AS
PALAVRAS, MAS MEUS OLHOS
SE ENCHEM DE INFINITO.



Assim como a ilustração, “as performances revelam o que o texto esconde” (Martins, 2003, pg 67). Nas palavras de Ananda Luz

“Fevereiro” é afeto nutrido pela tradição. É memória, alegria, movimento, vínculo... é carnaval e um pouco mais. O livro é um convite ao percurso de um dos blocos mais importantes do carnaval brasileiro, no qual os preparativos começam bem antes do festejo. Alguns deles estão visíveis no desfile, outros ocorrem quase como segredo, todos são essenciais para a materialização do mar azul e branco que toma as ruas soteropolitanas no carnaval, com o abraço carinhoso das ondas. Em “Fevereiro” podemos sentir que os corpos são territórios que se expandem na relação dos mais novos com os mais velhos. A casa e a rua, em “Fevereiro”, são aconchego e encontro-encanto com a ancestralidade. Em “Fevereiro” o tempo é outro. É o tempo da percepção e do diálogo com a tradição viva em cada corpo que dança e canta. Fevereiro tem cheiro de alfazema. Inspire!
(LUZ, 2023)

O livro é de autoria de Carol Fernandes, uma mulher negra de sorriso largo e sincero. Nasceu e vive em Belo Horizonte,. Coursou Pedagogia na Faculdade de Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), onde descobriu a paixão pela literatura infantil e por seus próprios textos e imagens. *Fevereiro* foi publicado em 2023 pela Editora Caixote.

Livro ritual: Bumba meu boi - Stella Barbieri e Fernando Vilela



*"Cantarei de novo
pra meu boi guarnecer
A primeira vez que eu cantei
não deu pra convencer
Guarnece, batalhão, guarnece
A vida cresce
E o meu povo
Não quer mais perder"*
(Chico Maranhão)

Em junho, o centro histórico de São Luís do Maranhão e muitas outras cidades do estado ganham um colorido especial, é chegada a festa do Bumba-meu-boi. A história do bumba-meu-boi é muito antiga. Historiadores acreditam que suas primeiras manifestações datam do século XVIII. Por ser transmitida oralmente, a história do boi tem muitas versões regionais e sua festa foi se modificando ao longo do tempo.

O Auto do Boi narra a história de Catirina, grávida que tem o desejo de comer a língua do boi que tanto alegra a Festa de São João. Desejo de grávida precisa ser realizado, para que o filho não nasça com cara de língua de boi. Pai Francisco, seu marido, corta a língua do bichinho. Porém, para não perder a própria vida nas mãos ou por conta do patrão, precisa fazer algo para ressuscitar o boi. Assim, convoca todos aqueles que têm poder : padre, pajé, curandeiro, poetas e crianças. Com muito axé, eles fazem o boi reviver para brincar em sua festa.

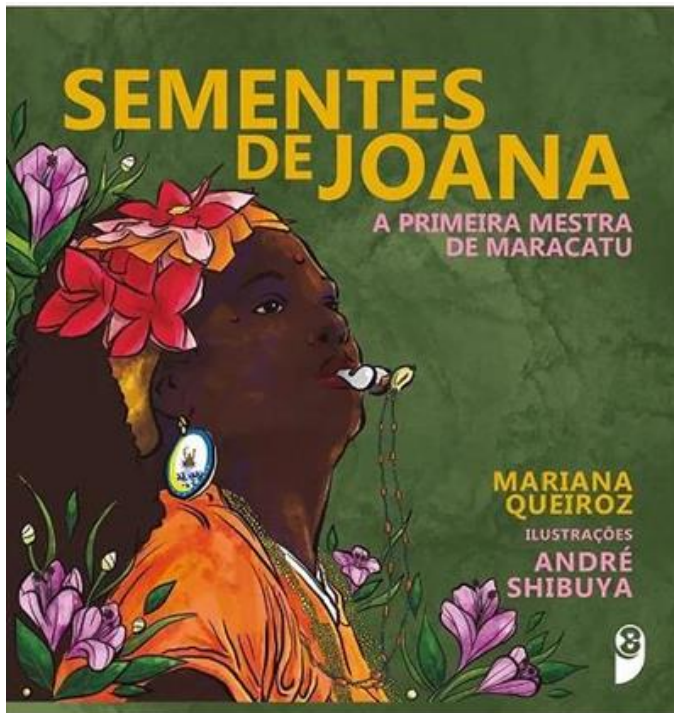
“Ao redor do fogo, aquecendo os pandeirões”, assim começa o reconto de Stela Barbieri e Fernando Vilela, inspirando-se na versão maranhense do Auto, no qual o boi tem o "courinho todo preto, salpicado de colorido", e encanta a todos na festa de São João.

No Maranhão, existem seis sotaques (formas e expressões diferentes de brincar a festa): Matraca, Zabumba, Orquestra, Baixada e Costa-de-Mão. Cada sotaque, por vir de diferentes regiões do estado, apresenta indumentárias, instrumentos, ritmos e jeitos próprios. As ilustrações do livro, feitas em xilogravura, além do colorido e da dança, trazem informações que não estão grafadas no texto. Podemos identificar a representação dos caboclos de fitas e de lança, além de observar as diversas personagens e indumentárias presentes no Auto do Boi. E o fim da história é o começo: “foi uma linda festa, como outra não há igual, todo ano se repete, nunca chega ao seu final”.

Stela Barbieri e Fernando Vilella, formam uma dupla na vida e nos livros. Ela escreve, ele ilustra. Juntos, somam livros.

Livro ritual: Sementes de Joana - a primeira mestra de Maracatu

(Mariana Queiroz e André Shibuya)



*meu tambor tem a batida do meu coração
meu baque é virado
seguro o compasso da marcação
(Mestra Joana)*

É na batida do coração e no nascimento de uma criança que continua uma tradição, como lemos na primeira página do livro: “Tum, tum, Tum dum aposto que você já percebeu que seu coração tem a batida de um tambor, ou será que é o coração que tem a batida do tambor? Tum, dum!”

O livro conta a história da Mestra Joana, nascida dentro do Maracatu Nação Encanto do Pina, Pernambuco. Ela é a primeira e única mestra de maracatu de baque virado da história e com suas ações contribui para o fortalecimento e autoestima das pessoas negras. Além de apitar o maracatu Encanto do Pina desde 2008, Mestra Joana também é fundadora do Baque Mulher - maracatu composto somente por mulheres que floresce em todo o Brasil e em outros países, como Argentina e Portugal. Seu título de mestra foi revelado no jogo de búzios, feito pelas suas matriarcas e ialorixás.

Nada é construção solitária, como nos lembra BALULA “os búzios só podem ser lidos em conjunto, em conjunto eles nos contam. Ninguém joga um

búzio¹⁰". Esse fazer coletivo se intensifica nas palavras de LUZ "ao olhar para o outro eu percebo mais eu, e ao perceber mais eu posso perceber mais o outro e neste processo coletivo, a gente construir mundos horizontalizados, outras cosmopercepções habitarem a gente"¹¹.

É importante ressaltar que o livro foi concebido coletivamente, por meio de políticas públicas para a Cultura - PROAC São Paulo. Que venham mais políticas públicas tão importantes para a difusão do livro e leitura no nosso país.

Rituais de leitura na estrada: experiências de uma kombi literária em espaços de cultura

O ano era 2016 e essa parte da minha história começa com amor: eu e meu namorado queríamos morar juntos. Aluguel era caro, comprar apartamento ou terreno, também. Então, vem a ideia: e se a gente comprar uma kombi e sair por aí viajando e trabalhando? A ideia era boa, trazia aquele quentinho no coração, mas ao mesmo tempo, como tornar isso possível e sustentável? Deu medo. Para pensar melhor, resolvemos aproveitar minha viagem a trabalho para Bertioga e esticar até a praia de Boiçucanga e ouvir as águas, o que o mar queria nos contar. No caminho para o trabalho conversava com a Raquel, uma amiga circense, especialista em perna-de-pau, e lhe contava das dúvidas e sonhos. Ela muito sabiamente me fez a pergunta: qual história você quer contar aos sessenta anos? - A da kombi! respondi prontamente. E as águas vieram com toda força, causando até enchente em Boiçucanga. Ajudamos a cuidar das pessoas e a tirar água e barro de suas casas. Durante este processo, ouvíamos: queria estar num carro viajando. Queria "morar no passeio". Eu e Renato nos olhávamos e a certeza da kombi fazer parte da nossa história estava decidida. A gente nunca tinha entrado

¹⁰ BALULA, Vanessa, é aluna do curso de pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, A casa Tombada. Expressão verbal concedida na aula dia 07-12-2023.

¹¹ LUZ, Ananda, professora do curso de pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, A casa Tombada. Expressão verbal concedida na aula dia 07-12-2023.

numa kombi safari, um motor-home. Na volta desta viagem, chegando perto de São Paulo, vimos uma kombi exatamente como queríamos. Gritamos de alegria e, neste mesmo dia, encontramos pela internet, lá na cidade de Joinville, o veículo no valor que poderíamos pagar. Fomos até a cidade buscá-la e, quando, enfim, chegamos em Joinville, ouvimos do seu Luiz, antigo dono da kombi: - esse era meu sonho de aposentadoria, mas agora não consigo mais dirigir, que bom que vocês viverão este sonho agora.

Foram exatos nove meses entre a reforma da kombi e sua estreia. A fim de fomentar e promover a democratização do livro por meio da mediação de leitura e contação de histórias. Em janeiro de 2017, colocamos O Casulo Viajante e sua biblioteca itinerante na estrada.

O nome do projeto sugere um lugar quentinho, de acolhimento e crescimento. Uma casa de encontro com pessoas e livros, estabelecendo vínculos afetivos. Por ser caracterizada como motor-home, queremos que o leitor se sinta em casa: ao abrir a gelateca, pode se alimentar de poesias; na sala, encontra literatura do mundo inteiro; no quintal, aconchegados em uma colcha de retalhos, o leitor viaja para o universo que escolhe: contos populares, literatura de cordel (no varal, é claro) contos de fadas, contos contemporâneos, mitologias, e aquela deliciosa história inventada e compartilhada na mesma hora.



Acreditamos na leitura como direito humano, como ferramenta de acesso cultural. A necessidade de formar uma sociedade leitora é uma das condições para garantir a inclusão social de milhões de brasileiros. Porém, a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-livro (2020)¹² aponta que o número de leitores vem caindo. Apenas 17% da população frequenta a biblioteca. Esse percentual conta que a frequência seria maior se houvesse biblioteca em todos os bairros, com atividades culturais. Por outro lado, 82% dos participantes da pesquisa responderam que gostariam de ler mais. Outro dado relevante, encontrado no mesmo levantamento de 2015: 67% da população, não houve uma pessoa que incentivasse a leitura em sua trajetória. Daí a importância deste projeto e do(a) mediador(a) de leitura. O mediador de leitura é uma das pontes. De maneira lúdica e prazerosa, ele aproxima o leitor do livro e vice-versa. Assim, seguimos na estrada, na esperança de contribuir para uma sociedade mais justa e lúdica.

Levando em consideração o fato de nossas ações de mediação de leitura acontecerem em espaços culturais, com datas e horários pré-determinados, pensamos: como criar vínculos afetivos neste espaço-tempo?

Acreditamos que há muitos fatores que contribuem para que esta magia aconteça, mas o livro é protagonista.

O Casulo Viajante dá lugar a diversos rituais: há um que antecede a transformação da kombi em uma instalação literária. Para além da curadoria dos livros, os objetos que compõem a casa - a cafeteira, imã de palavras, colcha de retalhos, almofadas - são pensados para acolher as infâncias e fomentar a imaginação junto à leitura.

Existe o importante ritual de curadoria: escolher quais livros farão parte do acervo literário é um ato político. Escolhemos aquilo que gostamos de ler, queremos comunicar e representar através dos livros. Focamos na literatura para a infância, de zero a 12 anos, e buscamos contemplar a bibliodiversidade, com a oferta e difusão de vários gêneros literários, autores e materialidade do objeto livro. Muitos títulos passaram a compor o acervo à medida em que

¹² Pesquisas disponíveis em:

<https://www.prolivro.org.br/pesquisas-e-projetos-ipl/livros-retratos-da-leitura/>

conheci livros durante esta pós-graduação. As famosas listas de livros da revista Crescer, elaboradas pela professora Cristiane Rogério¹³, já faziam parte da nossa pesquisa para compor a biblioteca do Casulo Viajante e continuam sendo uma fonte inspiradora para conhecer diversos autores. Aumentamos o número de literatura negra e indígena, conforme esses volumes chegam no mercado editorial.

Gosto de pensar no ritual da curadoria como ‘curar queijo’: a gente mexe, observa, prova, gosta e compartilha. Ou um processo de “cura-dor-ia”, cuidar para curar com palavras e imagens.

No ritual de abertura do Casulo para o público, que acontece de forma orgânica e natural, as crianças e famílias se aproximam, muitas vezes por curiosidade pela kombi. Vão chegando mais perto e encontrando todos os livros ao alcance das mãos das crianças, prontos para serem explorados livremente, possibilitando a autonomia do leitor.

Em seguida, tem lugar o ritual de leitura: na história a gente demora. Ao abrir o livro, inauguramos o tempo do era uma vez. Como nos lembra Luz, “em cada história habita uma multidão. Uma leitura individual, uma mediação, uma contação de histórias e o próprio objeto livro são territórios de encontros com diversas pessoas e linguagens” (LUZ, 2023, pg 06)

Durante este processo de recebimento dos leitores há sensibilidade, escuta, cuidado e respeito do mediador de leitura para e com as crianças. A mediação se dá de várias maneiras:

- leitura compartilhada em pequeno grupo, formado por aqueles que se conhecem naquele instante e pelo livro com o qual criaram laços afetivos.
- Deixa eu ler pra você? - crianças maiores em fase de alfabetização ou já alfabetizadas, que se oferecem para ler para os outros
- Crianças menores que pegam o livro e criam a narrativa pela imagem, criando uma “experiência narrativa entre os dedos e os olhos”¹⁴
- Crianças que preferem ler sozinhas.

¹³ Cristiane Rogério é coordenadora da pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, A casa Tombada. É curadora de livros para a infância para a revista crescer e mensalmente realiza uma lista com dicas de livros.

¹⁴ Expressão verbal concedida em aula durante a pós-graduação O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, mediação e circulação, turma 09, A casa Tombada.

- Escolher ficar ou ir embora. Não há uma hora certa para a leitura dentro da rotina e nem uma finalidade ou trabalho depois, é brincar de ler.

A festa continua – ritual de despedida

o ser humano é encantado. Todos nós somos filhos
de um mistério.
(Vovó Cici)

Faço uso da sabedoria de Paulo Freire quando diz que “somos seres inacabados” para “inacabar” essa conversa.

No decorrer da escrita deste trabalho de conclusão de curso, fiz parte do ciclo de estudos intitulado “O desaparecimento dos rituais”, ofertado pela A Casa Tombada, sob coordenação de Giuliano Tierno¹⁵. O ciclo durou dez dias, nos quais dialogamos com 13 pensadores sobre o livro homônimo de Han. Trago aqui algumas palavras que me atravessaram e contribuem para a conversa.

Para Ricardo Aleixo, os rituais não estão desaparecendo. Não podem desaparecer porque fazem parte da manutenção da vida. E completa:

“Para os povos ameríndios, africanos, o rito não desapareceu porque faz parte da vida. já vivemos isso na diáspora e os rituais permaneceram, se reinventaram e recriaram no Brasil. Precisamos garantir nosso direito de pertencimento a sociedades definidas como humana, é isso que faz acreditar no futuro”¹⁶

Corroboro Aleixo quando ele traz a urgência de fortalecer os rituais afro-brasileiros, por ser uma técnica ancestral contra o projeto genocida brasileiro dos povos indígenas, negros e quilombolas. Caimi Xavante complementa esta urgência, narrando a resistência do seu povo através de histórias e sonhos. Rituais indígenas transmitidos dos mais velhos para os mais novos, do trabalho com a memória, “aprender a memória dos

¹⁵ Professor e cofundador da A Casa tombada.

¹⁶ Expressão verbal concedida durante aula online O desaparecimento dos rituais, dia 31-01-2024.

antepassados”¹⁷ para se fortalecerem. Conta da suma importância dos sonhos para os povos originários, momento de conexão com outras dimensões, com pessoas e animais que já se foram e eram seus descendentes. Xavante conta que a comunidade conversa sobre os sonhos diariamente, em roda.

Estar em roda, me remete a rodas de leitura, rodas de histórias e me faz voltar a pensar na cultura e na educação como mecanismos para instaurar momentos de pausa, como Leda Maria Martins exemplifica:

Entretanto, no seio mesmo das sociedades ocidentais sobrevivem outros modos de conceber de experimentar e vivenciar o tempo, e, de expressá-lo como linguagem. No próprio âmbito da experiência estética da palavra, o tempo ritma uma das mais belas formas de expressão do humano e de transgressão da concepção do tempo como linearidade absoluta, a linguagem poética, seja da poesia, seja dos mitos. Poesia é tempo. (MARTINS, 2021, pg 30).



Analisando e dançando com os livros apresentados no capítulo dois, podemos reconhecer que em todos eles encontramos poesia e aquilo que a estudiosa Azoilda Trindade chama de valores civilizatórios afro-brasileiros:

axé - energia vital;

oralidade - contar histórias; falar

circularidade; fazer a roda;

coletividade; corporeidade - brincar, correr, dançar, cuidar do corpo. Corpo como saber

musicalidade - que fale de nossa cultura

ludicidade - alegria, celebração da vida

¹⁷ Expressão verbal concedida durante aula online O desaparecimento dos rituais, dia 26-01-2024.

Cooperatividade - cultura negra, cultura afro-brasileira: é a cultura do plural. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, do se ocupar com o outro.

Então, podemos afirmar que tais livros contribuem para uma roda de leitura como ritual, para a difusão e manutenção de tradições afro-centradas, possibilitando energia vital para todas as crianças. São lugares de fortalecimento da comunidade.

Ouvir histórias é um momento de pausa. Ler um livro é um momento de pausa. Quando ouvimos uma história, quando paramos para ouvir uma história, entramos no tempo do “era uma vez”, um não-tempo. Quando mergulhamos numa história, a gente se demora, vivemos junto com os personagens suas experiências e aventuras. Não pensamos na próxima história, a gente degusta aquela história primeiro, isso é revolucionário.

Diferente do uso automático de aplicativos como o Instagram - no qual o espaço para aprofundar, dialogar é atropelado com likes, deslizar para o próximo conteúdo, pular ou ver propaganda de interferência para, então, ver o próximo conteúdo -, na experiência com o livro o tempo se alarga. O livro ilustrado e sua materialidade possibilita tempo para brincar de ler, ler de novo e de novo, observar as ilustrações, voltar a página, sentir, tocar, cheirar, morder o livro.

Parafraseando CHRISTOV “os likes geram esquecimento e ansiedade, as histórias criam memórias e pertencimento”.¹⁸

*“Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.
Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.
Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.
Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.
Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.”
(Negô Bispo).*

¹⁸ Expressão verbal concedida durante aula online O desaparecimento dos rituais, dia 29-01-2024

REFERÊNCIAS

Batuque de Umbigada. Para saber mais:

https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/12947_BATUQUE+DE+UMBIGADA+CULTURA+BANTU+AFROPAULISTA

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

<https://cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/o-narrador-walter-benjamin.pdf>

BISPO, Nego. Poema em

<https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/321/somos-comeco-meio-e-comeco-um-ate-breve-a-nego-bispo>

BARBIERI, Stela ; VILELA, Fernando. Bumba-meu-boi. Editora: WMF Martins Fontes.

CHRISTOV, Luiza. Escrita de si e texto acadêmico: potência e cuidados no convite ao conhecimento. BARTHES, Roland. Aula. 16ª reimpressão desde 1980. São Paulo: Cultrix, 2013.

FERNANDES, Carol. Fevereiro. São Paulo, Editora Caixote, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAN, Byung-Chul. O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Tradução Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2021.

LUZ, Ananda (<https://www.movimentoliterario.com.br/fevereiro-fernandes-carol>)

LUZ, Ananda. Disponível em

<https://www.movimentoliterario.com.br/fevereiro-fernandes-carol>

LUZ, Ananda. In: Karingana – presenças negras no livro para as infâncias. Sesc, 2023.

QUEIROZ, Mariana. com ilustrações de André Shibuya. Sementes de Joana. São Paulo. Mocho Edições, 2019.

MARINHO, Josias. Benedito. – 1. ed. –. São Paulo: Livra, 2014. 4. tiragem, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

Retratos da leitura no Brasil. Instituto Pró-livro
<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>

SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra. ilustração mateu velasco. são Paulo: sesi-sP editora, 2015.

SANTOS, Glauciane. A memória verbal e icônica na literatura infantil de Josias Marinho, 2021. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/609-a-memoria-verbal-e-iconica-na-literatura-infantil-de-josias-marinho-glauciane-santos>

SANTOS, Glauciane. Josias Marinho.

<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autores/610-josias-marinho>

TRINDADE, Azoilda. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. (s/d)
<https://reaju.files.wordpress.com/2018/07/valores-civilizac3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>